

O que a esquerda fez de suas

A toupeira é um animalzinho que vive quase todo o tempo no subterrâneo. Cava túneis e aparece onde menos se espera. Seu esforço foi assimilado por Marx à obra revolucionária. Para Emir Sader ela ressurgiu onde menos se esperava. No início do século 21, eis que uma Nova Toupeira eclode das profundezas da terra. E onde? Na América Latina, subcontinente marcado recentemente por ditaduras e governos neoliberais.

O preâmbulo do livro traz um resumo, com um tom autobiográfico, da experiência da esquerda latino-americana, desde as esperanças desenvolvimentistas e nacionalistas dos anos 50 até os governos de esquerda que predominam no cenário da América Latina atual. É nesse momento que o livro nos indaga de forma incisiva: o que fizemos daquelas esperanças? Pois para a geração nascida a partir dos anos 80 a vida política parece esvaziada. Não vivemos mais a experiência de grandes comícios de rua, de campanhas eleitorais voluntárias e de embates ideológicos polarizados. Os valores neoliberais substituíram tudo aquilo.

O neoliberalismo, em sua faceta latino-americana, ainda não tinha sido definido tão precisamente como neste li-

vro. Lembro-me, por exemplo, do grande mestre Florestan Fernandes agarrando-se a Harold Laski nos anos 90 e rejeitando a própria noção de neoliberalismo. Para ele, a categoria liberalismo já dizia tudo. E o próprio liberalismo já nem tinha condições históricas de subsistir. Mas o mundo dos anos 90 foi radicalmente alterado nos anos 80-90, e o socialismo foi posto em xeque-mate de tal modo que suas formas *realmente existentes* ruíram. A partir de então, a esquerda se limitou a denunciar o que chamava de neoliberalismo, sem compreendê-lo.

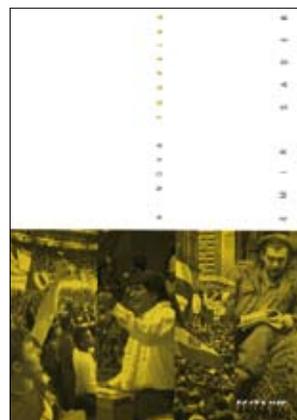
Naqueles anos, não só o socialismo ruiu. A socialdemocracia europeia também. Mitterrand e Felipe González aderiram ao novo credo. Mais tarde os trabalhistas ingleses e o SPD alemão fariam o mesmo. Talvez o livro de esquerda que mais impacto causou no estudo desses elementos conjugados tenha sido *O Colapso da Modernização*, de Robert Kurz. Ainda que pessimista, a obra apresenta uma visão coerente do mesmo processo de desabamento do *welfare state* e do socialismo, mas aposenta definitivamente a luta de classes e se limita a um olhar europeu. Perry Anderson, por sua vez, havia escrito um ensaio sobre o neoliberalismo, mas detendo-se nas suas origens

intelectuais, desde Von Mises e Hayek.

Emir Sader, agora, não só nos define bem a era neoliberal como apresenta um olhar a partir da América Latina. Olhar privilegiado, pois foi nela que uma era pós-neoliberal começou. A corrente neoliberal foi rompida no seu elo mais fraco, como ele diz no livro. Embora ainda não tenha sido superada:

“A derrota do campo socialista em escala mundial foi seguida de um projeto ideológico que substituiu o Estado pela empresa e pelo mercado, o cidadão pelo consumo, a regulação econômica pelo livre-comércio, os espaços públicos pelos shopping centers, o trabalhador pelo indivíduo, a ideologia pelo marketing, a palavra pela imagem, a escrita pela mídia visual e o livro pelo vídeo, as concentrações de rua pelas campanhas políticas televisivas, os direitos pela competição, a novela escrita pela telenovela, os jornais pelo noticiário de televisão” (p. 52).

O neoliberalismo foi assinalado por diferentes governos nos anos de redemocratização: Paz Estensoro, na Bolívia (1985); Carlos Menem, na Argentina (1989); Carlos Andrés Pérez, na Venezuela (1989); Alberto Fujimori, no Peru (1990); Fernando Collor (1989) e Fernando Henrique Cardoso (1994), no Brasil.



A Nova Toupeira, de Emir Sader. Boitempo Editorial, 2009, 192 páginas

Por que o modelo neoliberal foi possível? Sader argumenta que a hegemonia neoliberal foi uma combinação do militarismo dos Estados Unidos, a mercantilização de todas as relações sociais (cuja utopia são os shopping centers) e o monopólio da mídia privada na formação da opinião pública. Apesar da vitória eleitoral da esquerda, os valores da época neoliberal continuam hegemônicos. Cabe lembrar, como diz o autor, que os temas do debate público fazem parte de uma agenda ainda neoliberal. Assim, a esquerda teve de lidar com questões para as quais não formulara alternativas, como a inflação e a segurança pública.

Sader explica que a classe trabalhadora viveu um processo de fragmentação social

esperanças

Lincoln Secco

e cultural. O discurso neoliberal cria uma identidade falsa que unifica a população na esfera do consumo, enquanto a esquerda clássica, fundada na identidade do trabalho, viu-se diante de uma população submetida a trabalhos precários, eventuais, fragmentários e heterogêneos. A perda da identidade dificultou a organização política e sindical e conduziu à alienação e a outras identidades substitutas: esportiva, étnica e nacional.

Ainda assim, mesmo com um apoio inicial e com o controle da inflação, o modelo se esgotou porque fragilizou as economias da região: elevou a dívida pública, concentrou renda, protegeu o capital especulativo em detrimento da produção e do emprego e,

assim, estreitou suas bases de sustentação eleitoral. Isso abriu a oportunidade para que uma onda de esquerda varresse a América Latina.

O pós-neoliberalismo, todavia, apresentou logo seus limites. E talvez o mais simbólico seja Lula, analisado num capítulo inteiro do livro. Lula, nós sabemos, não venceu as eleições quando o movimento dos trabalhadores ascendia (1989), mas sim quando estava em queda organizacional e na defensiva ideológica. Desse modo, ele ganhou com um programa rebaixado. Mesmo assim, impôs as políticas sociais mais efetivas da história recente do nosso país, paralisou as privatizações, impediu a Alca, reforçou o

salário mínimo e aumentou a formalidade do mercado de trabalho. Por outro lado, como recorda Sader, não taxou o capital especulativo, não quis incomodar o latifúndio (rebatizado de agronegócio) e não sustentou uma crítica acerba do imperialismo norte-americano.

A ambiguidade de Lula provoca reações equivocadas da esquerda mais radical. Pode-se discordar de Sader, mas seu livro vai direto ao ponto: só há duas opções, confundir-se com a direita nas críticas ao governo Lula ou apoiar seu núcleo progressista e rejeitar seus setores conservadores. Em vez de respaldar o caráter progressista do governo e recusar suas políticas de

contemporização com a direita, parte da esquerda aparece unida às grandes empresas de comunicação no ataque ao governo.

O livro termina com uma discussão sobre o desafio estratégico da esquerda. A nova estratégia da esquerda deve pressupor uma prolongada disputa de hegemonia que passa por movimentos sociais, novas formulações, conquista do poder especificamente político e uma abertura para o novo. É isso que Sader tenta desvendar nas suas páginas finais. Aqui não cabe adiantar o prognóstico deste livro inovador. Fica o convite à leitura.

Lincoln Secco é professor de História Contemporânea da USP

VENDEDORES

ALAGOAS

Maceió

Adilson Lopes (82) 3221-5153

AMAPÁ

Macapá

Roberto Lucas (96) 8111-0488
financ.ap@pt.org.br

AMAZONAS

Manaus

Jerson Queiroz (92) 3234-5487
Cel. 9112-0153
jersonqueiroz@ig.com.br

BAHIA

Salvador

Vicente Coutinho (71) 3235-6914
Cel. 9964-1887
vicentept@oi.com.br

Vitória da Conquista

Letras e Prosa - Euvaldo (77) 3421-9015

BRASÍLIA

Antônio de Pádua (61) 3567-3991

Sheila Araujo (61) 3213-1313

Cel. 8472-1622

sheila@pt.org.br

GOIÁS

Goiânia

Luciana de Mesquita (62) 3092-1013

Cel. 8412-6431

lucianamesquita.pt@hotmail.com

MINAS GERAIS

Belo Horizonte

Aluana Rocha (31) 3297-9063

Cel. 9807-2267

aluanarocha@gmail.com

Antonio Borges (31) 3282-1112

cebolalivros@yahoo.com.br

Uberaba

Lauro Henrique (34) 3338-2329

Cel. 9966-2751

lauroguimaraes@terra.com.br

Uberlândia

Henrique Rodrigues (34) 3239-1116

Cel. 8813-1797

henriquemorumbi@gmail.com

PARANÁ

Londrina

Paulo Urquiza (43) 3328-6556

Cel. 9992-2085

urquizaubinatti@hotmail.com

PIAUI

Teresina

João Batista Cel. (86) 9975-7122

batistaoliveira@ig.com.br

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Amilsen Muzer (21) 2725-2455

Cel. 9874-7446

SÃO PAULO

Araraquara

Edilson Timóteo (16) 8128-2056

edilsontimoteo@yahoo.com.br

Campinas

Leandro Eliel (19) 3254-1300

Cel. 8111-0853

Presidente Prudente

Cicero Leandro (18) 3223-6859

clcosta@hotmail.com

São Paulo

Edmilson Cel. (11) 9440-4810

Hélio Silva (11) 3686-9893

João Muniz Cel. (11) 8386-2218

munizjbm@yahoo.com.br

Milton Fogo (11) 3494-2404

Oswaldo André Cel. (11) 9537-2196

oswaldoandref@ig.com.br

TOCANTINS

Hilton Faria (63) 8402-2422

Para vender assinatura de *Teoria e Debate* entre em contato com o Departamento Comercial pelo telefone (11) 5571-4299, ramal 146, ou por e-mail: tddivulgacao@fpabramo.org.br

Depressão: um sintoma social

Maria Rita Kehl, em seu novo livro *O Tempo e o Cão: a Atualidade das Depressões*, nos apresenta com uma discussão sobre um tema que tem causado questionamentos em vários campos do conhecimento. Interessante sua abordagem: por se tratar de uma psicanalista escritora, ela traz sua experiência clínica e aponta consequências e soluções por intermédio da leitura dos principais pensadores da ciência do inconsciente, além de traçar o debate com a filosofia, com a filosofia da história (Walter Benjamin, Bergson) e com poetas como Baudelaire, entre outros. A depressão está também relacionada à modernidade, exposta de forma didática e concisa, apesar de densa, tendo como resultado uma análise que trata de questões nas quais a contemporaneidade, indelevelmente, marcou a vida dos sujeitos com esse mal-estar.

Sabemos todos que a psicanálise, principalmente quando se trata da lacaniana, possui um jargão hermético de difícil compreensão até mesmo para os mais íntimos ao pensamento de Freud e de Lacan. Porém, ao ler esta obra, adentramos no universo complexo de termos “lacanescos” a partir de uma introdução implícita que vai sendo mostrada ao longo de sua descrição. Isso é perce-

bido na forma como a autora vai orientando o leitor para determinados conceitos elucidados em notas de rodapé ou no curso livre de suas ideias expostas nos parágrafos. Seu debate é interessante por se tratar de um problema que está na ordem do dia dos consultórios dos psicoterapeutas em geral, nas escolas, dentro de nossa casa, com nossos vizinhos e em nosso ambiente de trabalho.

O livro é dividido em três partes. Na primeira, “Da melancolia às depressões”, temos a diferenciação do conceito de melancolia desenvolvido por Freud e a aproximação deste com o conceito de depressão porque ambos possuem frequentes analogias sintomáticas (p. 41). *A autora situa o sofrimento depressivo na linha de continuidade do lugar ocupado pelos melancólicos na tradição do pensamento anterior ao criador da psicanálise* (p. 41). A teoria da melancolia foi elaborada no século passado levando-se em conta as demandas que as históricas dispunham na clínica freudiana. Hoje, temos a queixa dos depressivos porque estamos inseridos em uma realidade histórica que construiu essa demanda. A contemporaneidade surge com o aumento do fenômeno das depressões e, segundo Maria Rita, nela e com ela o

sujeito *cede de seu desejo* e, em seu destino, trai sua vida e a si mesmo (p. 74).

A autora traça uma trajetória histórica – da Grécia Antiga, passando pela Idade Média, pelo Renascimento e pelo Romantismo, aos dias atuais – sobre a condição melancólica de filósofos, poetas, e conclui que o homem contemporâneo experimenta um desamparo quando percebe que *nem mesmo a linguagem tem o poder de transpor o abismo que o separa da natureza e que a tarefa solitária do poeta, por sua conta e risco, é dar nome ao real* (p. 74). Tal como os poetas, os depressivos se situam nesse estado ao qual a linguagem não consegue chegar. Daí surge a submersão, que o puxa para o estado de silêncio, de apatia e de indiferença e pode durar anos a fio.

A modernidade se apresenta para nós repleta de desafios e, de acordo com Benjamin, para vivê-la “*é preciso uma constituição heroica*”, que significa não recuar diante dos desafios que ela propõe e não se deixar enfeitiçar pelas maravilhas com que ela nos seduz (p. 75). Podemos ficar imersos em uma sedução ilusória que pode provocar um conformismo (sinônimo de fatalismo). Em nossa sociedade isso tem atingido ferozmente adolescentes e



O Tempo e o Cão: a Atualidade das Depressões, de Maria Rita Kehl. Boitempo Editorial, 2009, 304 páginas

jovens através da *sedução exercida pelas formações imaginárias predominantes no estágio atual do capitalismo* (p. 90).

Diante desse estado no qual o depressivo se encontra, temos sua recusa à oferta de um gozo oriundo das seduções do capitalismo. O depressivo sofre com um sentimento de culpa que o legitima como tal e considera sua vida traída por não ter sido capaz de corresponder aos ideais contemporâneos de bem-estar e felicidade.

Na segunda parte, “O tempo e o cão”, a autora trata da questão do tempo na modernidade e diz que ele é a *condição ontológica do psiquismo* (p. 111). A temporalidade contemporânea, frequentemente vivida como pura pressa, seja nos gran-

contemporâneo?

Danieli Machado Bezerra

des centros urbanos, seja nas cidades do interior que dão conta dessa pressa por meio da internet, atropela a duração necessária que caracteriza o momento de compreender, a qual não se define pela marcação abstrata dos relógios. O tempo está tão veloz que os relógios não acompanham essa pressa.

Maria Rita nos faz compreender que *o tempo é ins-tituído, para cada sujeito, no intervalo entre a tensão de necessidade (pulsional) e a satisfação: mas como, para o filhote humano, a satisfação da necessidade depende inteiramente de que um Outro queira se ocupar dele, tal intervalo logo se apresenta a ele como o tempo que separa a demanda do Outro da possibilidade de o sujeito responder a ela. Dito de outra maneira: o sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo sempre em aberto, que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do Outro* (p. 112).

O uso do tempo pelo depressivo é um tempo vazio com o qual ele recusa a urgência da vida contemporânea e remete a outro modo de viver o tempo, que a modernidade recalçou ou, pelo menos, reprimiu (p. 135). O tempo para ele é tão lento que não permite viver essa aceleração imposta pela modernidade.

A vida psicológica sobrevive, embora constantemente inibida pela consciência prática e útil do presente e, em nosso caso, pela pressa do tempo. *Nossa memória aguarda simplesmente que uma fissura se manifeste entre a impressão atual e o movimento concomitante para fazer passar aí suas imagens* (p. 150). *Qual o desligamento momentâneo da ação eficaz que permite ao sujeito passar do registro da vida prática para o registro do sonho?*, questiona a autora. Há a possibilidade de experimentarmos alguns intervalos de tempo relativamente independentes das exigências do presente imediato, pois temos uma conservação do passado no presente (p. 151). E isso se dá como uma das condições da experiência, como nos diz Benjamin: “Se a experiência não nos vincula ao patrimônio que herdamos, ele se torna um peso, ou um adorno vazio, e a velocidade das mudanças que se generalizaram a partir da guerra de 1914 exigiu que as pessoas se despojassem tanto de sua própria história quanto da memória dos antepassados” (p. 156).

Em *O Narrador*, de Benjamin, temos uma desmoralização da experiência na modernidade cujo pano de fundo não declarado são as drásticas mudanças na temporalidade decorrentes

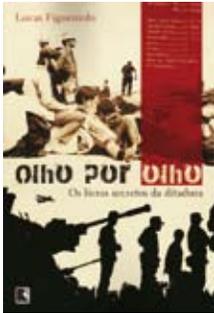
da predominância da técnica não apenas sobre outras formas de relação com a natureza, mas acima de tudo nas relações entre os homens (p. 154) e dos homens com a sua cultura, causando esse fenômeno depressivo. Como exemplo temos Baudelaire, que na Paris do século 19, com o advento das transformações do mundo industrial, torna-se melancólico e transfere para a sua poesia um desejo de ser lido como um escritor antigo. Nessa sua empreitada literária, paga um preço alto de uma estratégia pessoal para dar conta das transformações sociais e culturais das quais foi protagonista. Utilizou o recurso simbólico da poética para se proteger frente à sociedade que surgia veloz e não lhe possibilitava sonhar ou imaginar uma vida lenta, tal como os românticos a desejavam.

Em “O recuo e o depressivo”, a terceira parte do livro, temos a experiência clínica, em que a autora, exemplificando com casos de depressão, faz uma diferenciação entre a posição subjetiva dos depressivos e a estrutura neurótica dos obsessivos(as) e das histéricas(os). Elucidamos Maria Rita: *O que mudou para as mulheres pós-freudianas, com o auxílio da própria Psicanálise, foi a abertura de uma infinidade de novos destinos pulsionais*

para o impulso interdito. A histeria não está superada, mas as perspectivas de cura, para as mulheres, são hoje mais promissoras do que a de meramente “substituir as grandes crises de sofrimento [histórico] por um sofrimento cotidiano e suportável”, como escreveu Freud de maneira pouco consoladora a uma de suas pacientes histéricas (p. 218). Entretanto, é necessário um longo período no qual o sujeito deprimido tenha de suportar/conter suas escolhas pulsionais, por isso sofre muito. Neste livro há a compreensão da depressão a partir de uma leitura da clínica das neuroses, e o leitor familiarizado com a teoria do inconsciente percebe claramente que não é uma obra que pode ser acompanhada por um leitor que não tenha uma compreensão de conceitos do *métier* psicanalítico. Com a clareza sobre a depressão ser um sintoma social da contemporaneidade, a autora nos alerta que *os depressivos devem ser, como todos os que procuram a psicanálise, escutados um a um. O sentido do sintoma social não dispensa a singularidade do sujeito* (p. 273).

Danieli Machado Bezerra

é historiadora, contista e mestra em Ciências Sociais. Atualmente estuda no Instituto de Clínica Psicanalítica (ICP), filiada à Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)



Olho por Olho – Os Livros Secretos da Ditadura

Lucas Figueiredo
Record, 2009, 207 páginas

O jornalista apresenta a história de dois outros livros: *Brasil: Nunca Mais*, publicação-denúncia sobre as atrocidades dos anos de chumbo, lançado em 1985, e *Orvil*, tentativa de contra-ataque dos defensores da ditadura que pretendiam dar sua versão sobre a repressão e a luta armada. No entanto, o que seria um ataque à esquerda nunca chegou às livrarias. Figueiredo teve acesso a *Orvil* e mostra que as Forças Armadas, ao produzirem o relato, acabaram confessando uma série de crimes que tentaram esconder por quatro décadas.

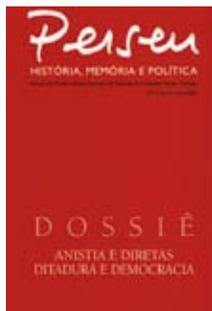


China – Desfazendo Mitos

Wladimir Pomar
Publisher/Página 13, 2009, 328 páginas

Os aspectos contraditórios da construção da experiência chinesa e os perigos que a rondam,

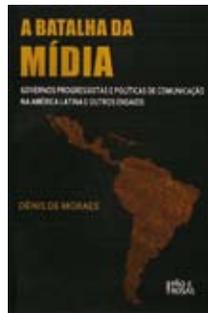
a ambiguidade paradoxal de uma “economia de mercado” socialista, que convive com cerca de 500 milhões de pobres e tem desenvolvimento e enriquecimento desiguais, e a difusão de distorções e mitos tipicamente antichineses são apresentados nesta coletânea de diversos textos do autor publicados nos últimos anos em jornais e revistas.



Perseu: História, Memória e Política – Dossiê Anistia e Diretas – Ditadura e Democracia

Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, 303 páginas

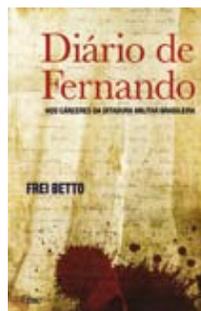
A terceira edição da revista do Centro Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo aborda a Lei de Anistia, que completa em agosto 30 anos, e os 25 anos da emenda das Diretas Já, completados em abril. São artigos que refletem sobre os chamados “arrepentidos”, ex-militantes que protagonizaram episódios de retratação pública durante a ditadura; os que analisam os significados da anistia; e os que traçam a relação da Ação Popular Marxista-Leninista com o processo de formação do PT, além de um conjunto de documentos e de imagens produzidos, principalmente, no âmbito do partido.



A Batalha da Mídia – Governos Progressistas e Políticas de Comunicação na América Latina e Outros Ensaios

Dênis de Moraes
Editora Pão e Rosas, 2009, 267 páginas

Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, o autor não só denuncia a concentração midiática e as associações internacionais que reafirmam o controle empresarial como também alerta para as modalidades de manipulação dos monopólios da mídia. Além de apresentar a diversidade de desafios, mostra as conquistas de setores sociais que lutam por outra forma de produzir e difundir conhecimento, informação e cultura.

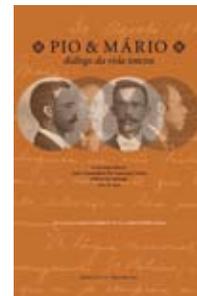


Diário de Fernando – Nos Cárceres da Ditadura Militar Brasileira

Frei Betto
Rocco, 2009, 288 páginas

Histórico e inédito, trata-se do diário de prisão do frade dominicano Fernando de Brito,

prisioneiro da ditadura militar por quatro anos. Frei Fernando foi submetido a torturas e removido para diferentes cadeias. Suas lembranças, 36 anos depois das atrocidades que testemunhou, foram registradas de forma contundente e comovente por Frei Betto. Os episódios relatados mostram a trajetória não só dos frades, mas de figuras políticas como Carlos Marighella, Lamarca, Apolônio de Carvalho e Dilma Rousseff, entre outras.



Pio & Mário – Diálogo da Vida Inteira

Edições Sesc SP/Ouro Sobre Azul, 2009, 421 páginas

Em edição de Ana Luisa Escorel, as cartas que Mário de Andrade e o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa trocaram durante trinta anos. Traz introdução de Gilda de Mello e Souza e nota biográfica de Antonio Candido. Foi na casa de Pio, em Araraquara, onde costumava passar temporadas, que Mário escreveu *Macunaima*. Embora tão díspares, os dois amigos gostavam de discutir etimologia e filologia: Mário era modernista, Pio tradicionalista. Peça importante da epistolografia do mais importante correspondente literário que já houve entre nós. Iconografia farta e de primeira qualidade.